

não falando nos da epocha luso-romana, porque esses apparecem a cada passo. O que é verdade é que por grande numero de circumstancias teem semelhanças com os já referidos de Panoias, e que a ideia que nos suggere logo ao vê-los é que foram construidos para igual fim, isto é para serviço religioso. O sinal em cruz e os indicios de outros que apresenta o fragão mais alto com estas obras devem ter relação, e como que attestam que a «Fraga da Moura» foi porventura um santuario dedicado a qualquer divindade que o tempo levou, como actualmente o canteiro vae levando o de Panoias, destruindo-o, e arrancando-lhe as cantarias para os muros das casas ou das propriedades.

Bragança, Junho de 1905.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Moeda inedita de D. Affonso V

Tem sido geral a supposição de que a officina monetaria do Porto, como independente ou subalterna da de Lisboa, não cunhou moeda de ouro durante o reinado de D. Affonso V, por não ter apparecido qualquer prova material em contrario. O chronista Rui de Pina deixou de alludir a esta materia ¹.

As marcas monetarias gravadas nas moedas tinham importancia alem d'aquella que lhes davam as casas emissoras. Em consequencia de terem circulado no reinado de D. Fernândo barbudas de baixa condição metallica, fabricadas no Porto, o publico acautelava-se e assegurava os seus interesses servindo-se dos melhores padrões monetarios, quer nos contratos de aluguer de dinheiro, quer nos de compra e venda, e não era indifferente ao conhecimento de marcas monetarias.

Não censuramos o chronista pela omissão. Ser-lhe-hia impossivel completar a resenha dos acontecimentos de uma epocha, e muito menos alludir a factos de ordem secundaria, na falta de motivo especial que os tornasse dignos de memoria.

A omissão parece-nos uma prova certa de que todo o numerario corrente no reinado de D. Affonso V, o numerario nacional, era de boa lei e cuidadosamente fabricado.

Hoje a sciencia, incansavel como é, sempre solicita em devassar o passado, procura encher vacuos, de maior ou menor grandeza, que

¹ *Chronica de D. Affonso V*, t. I, cap. xxxviii, nos *Ineditos* da Academia Real das Sciencias.

os escritores antigos, pouco diligentes ou mal orientados, deixaram em tantos logares da historia portuguesa; por isto é de interesse scientifico saber-se que a casa monetaria do Porto era uma instituição importante neste reinado. Comprova-se a asserção com a moeda, inedita, figurada aqui.



Fig. 1.^a

† ALFQ : REIS : PORTUGALIAE DELA. Escudo de armas do reino entre 4 arcos. O escudo contém cinco escudetes menores, em cada um dos quaes ha um só ponto, e assenta sobre a cruz da Ordem de Avis. É notavel esta substituição das quinas propriamente ditas, que figuravam desde longa data nos cunhos da moeda portuguesa.

℞. † AIUTORIUN : DONS : QUI : FECI : CE. Entre 4 arcos a cruz de S. Jorge, em cujo exergo se vê a letra oncial P (PORTO) muito nitida. Ouro de 23 ³/₄ quilates. Peso 3,48 grammas, ou 69 ³/₄ grãos.

Analysada a legenda do anverso, vê-se que falta separação entre as letras F e Q, para ficarem independentes as palavras ALF(ONSUS) Q(UINTUS). A palavra REIS está em vez de REX, que em legendas monetarias da mesma epoca apparece nas fórmulas RES, RE, RX, e simplesmente R. No final da frase temos DELA, em que DE estará por ED=ET, tendo o D a pronuncia latina do T final. Certamente LA representará AL(GARBII). Haveria inversão na posição das letras em ambas as palavras.

A legenda do reverso é comprehensivel, não obstante as faltas que contém; dispensa analyse especial.

Em 1457 chegou a Lisboa a bulla da Santa Cruzada, que o papa Calixto III expediu repleta de indulgencias e perdões. Era o convite para que El-Rei erguesse entre os Portugueses o facho da guerra santa contra os Turcos, cuja influencia e poderio se desenvolviam a ponto de serem fataes ao christianismo. D. Affonso V, para commemorar e levar a bom caminho uma empresa de tal ordem, mandou cunhar nesse mesmo anno cruzados de *ouro subido*, com 2 grãos a mais que os ducados estrangeiros de melhor acceitação. Calculou que a influen-

cia ponderal d'esta moeda, que devia representar quasi uma oitava de ouro, ou $71 \frac{1}{4}$ grãos, venceria lá fóra resistencias que ás proprias armas de combate não seria dado vencer. Mas qual a causa por que teve a moeda portuense apenas $69 \frac{3}{5}$ grãos, se por ventura foi cunhada nesta occasião de grandes aprestos militares? Ignora-se.

A ordem regia foi quasi cabalmente cumprida na officina monetaria de Lisboa, como o provam alguns exemplares perfeitos e menos cerceados, recolhidos em collecções de vulto. Convem citar os seguintes: um, que existe no medalheiro do Sr. Robert A. Shore, com o peso de 3,50 grammas, ou 70 grãos; outro, que pertence ao Sr. General Jaime Agnello dos Santos Couvreur, que pesa 3,53 grammas, ou $70 \frac{3}{5}$ grãos; outro, pertencente ao Sr. Julius Meili, que pesa 3,54 grammas, ou $70 \frac{4}{5}$ grãos; finalmente o exemplar collocado na collecção do Sr. Dr. Francisco Cordovil de Barahona, que tem 3,55 grammas, ou 71 grãos, é o que mais se aproxima do peso legal.

Apresentamos na fig. 2.^a o desenho do cruzado do Sr. Couvreur, para que seja comparado com o do Porto.



Fig. 2.^a

Nas legendas de ambos os exemplares não se lê a palavra com que foram denominados, a palavra *cruzatvs*, e são estes os unicos em que temos notado a falta. Ella suggere-nos a ideia de que seriam emitidos em epoca posterior ás conquistas de Arzila e Tanger, depois de 1471, ou talvez quasi no término do reinado de D. Affonso V. Convem meditar acêrca d'esta ideia, embora seja fraco o motivo em que se estriba. Certos indicios, aparentemente insignificantes, resolvem duvidas no campo da numismatica, onde ellas se amontoam quando faltam leis que a incuria não soube guardar, como no caso presente.

O cruzado portuense não foi achado em Portugal; appareceu em Hespanha. No dia 27 de Abril proximo passado o Sr. E. Dias Serras, de Lisboa, teve occasião de obtê-lo em Sevilha. Estava exposto no mostrador de um ourives, estabelecido na *Calle de Chicarrerros*. Fazia parte de um lote de moedas de ouro hespanholas, mais ou menos antigas.

O apparecimento d'esta moeda habilita o numismata curioso a conhecer que a casa monetaria do Porto estava á altura da sua missão artistica.

Não é conhecido o texto da lei que se refere ao fabrico dos cruzados no reinado de D. Affonso V. João Bell¹ diz que foram cunhados por lei de 1457 com o valor de 253 reaes brancos. O que positivamente se sabe, por documentos coevos, é que a carestia do marco de ouro lhes deu o valor de 255 reaes em 1460, e que a lei de 16 de Setembro de 1472 os valorizou em 324 reaes brancos. Foram cunhados abundantemente com o ouro que Portugal importava da sua nascente colonia da Guiné. No sec. XVII ainda havia muitos; Manoel Severim de Faria assim o declara na sua obra *Noticias de Portugal*. Nesta epoca eram destinados particularmente á preparação do ouro em folha, que se applicava á escultura de madeira, essa veneranda arte que florescia principalmente no organismo interno dos templos sumptuosos. E a ourivezaria estimava-os como excellente materia prima para artefacto de grande luxo artistico. Hoje são muito raros, sobretudo aquelles cuja belleza primitiva seja comparavel á do cruzado que já vimos na fig. 2.^a

Lisboa, Julho de 1905.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

O castello de Braga

Officio dirigido ao Presidente da Commissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionaes

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Cumpre-me informar a V. Ex.^a que se projecta commetter mais um vandalismo nos nossos monumentos nacionaes, já hoje tão desfalcados por causa da ignorancia do publico, que, em lugar de ver nelles padrões de gloria e documentos educativos, os julga apenas merecedores de desprezo.

D'esta vez o desacato não parte, porém, da populaça anonima; parte da *Ex.^{ma} Camara Municipal de Braga!* É ella quem busca deruir o historico castello da cidade, ainda tão bem conservado, com suas muralhas ameadas, dois cubellos, e a torre de menagem majestosamente erguida!

¹ *Taboa do valor das moedas, etc.*, t. III, parte II, das *Memorias da Academia Real das Sciencias*.